

E, talvez, Myuhas é o único que tem razão." O juiz era um homem triste e sério e dizia coisas que talvez não precisasse dizer. Disse que só os que nascem com ira realmente podem sair do círculo sufocante, mas a ira demais era perigosa, assim como a apatia. Clara levantou-se, parou de sorrir e disse que a ira herdara do demônio que nela se aninhara desde sempre, mas o juiz disse que ele estava falando da apatia e das pessoas que dizem estar perdidas. E tudo terminou, antes que pudesse começar. O marido de Yolanda assinou um termo de garantia para Clara, e Clara jurou que não traria mais maconha para Myuhas. Myuhas disse que ela não precisava mais voltar.

\* \* \*

Antes de Angelina desaparecer, ela foi ver Clara. Tinha o rosto cortado a gilete e os cabelos desalinhados. Contou-lhe que estava grávida, e Clara deu-lhe o pouco dinheiro que sobrara. Angelina viajou para a Galiléia e Abrão teve o segundo enfarte. Diziam que era por causa da filha. Siona exigiu de Abrão que ele fosse à sinagoga jurar que Clara não era a mãe dele. Ele foi à sinagoga e jurou; e Siona comprou-lhe um chaveiro com um anjinho de ouro quase puro. Angelina voltou com o rosto retalhado e disse: "— Talvez você não seja a mãe dele, mas você é a minha avó." E foi trabalhar na rua. Quando ela trouxe dinheiro para Clara, estava de pé, do lado de fora, com o belo rosto iluminado por uma luz estranha. Clara jogou o dinheiro pela janela, Angelina esperava lá fora, seu ventre cada vez maior, e chorando, pegou o dinheiro e o pôs na carteira brilhante. Seu homem a esperava com o Mustang vermelho, e a brancura do rosto dela sobre o fundo do Mustang era uma espécie de ferida que a Clara doía ver, como se alguém desenhasse uma janela no asombro de sua existência.

Yolanda comprou para Clara roupas quentes de inverno, porque seu corpo doía do frio e da umidade. Entre as palavras, os anos passavam. Houve dias de sol, que nem todos viram. Foram construídos novos bairros em volta das ruínas de Djabeliyeh. Schmucl Abuman disse que ele estava servindo chá numa prefeitura nova com elevadores. Os anos deslizavam pelo corpo de Clara, penetrando na terra à espera dela. Uma vez ela viu Schmucl Abuman chorando. Não conseguia localizar a visão e não sabia se ele estava chorando agora ou no passado. Nem — se é que era no passado — quando havia sido, como se ela estivesse desligada do fluir dos dias e se tivesse tornado algo fixo numa paisagem invisível. Schmucl chamou: "— Clara, Clara!" E aí ela sentiu, também fora do limite do tempo, como se tornara velha. Uma vez, pôs os brincos que Angelina trouxera, olhou-se no espelho e riu e viu a imagem de um demônio rindo.

Nas noites, Clara sentia que estava morrendo. E dizia em seu íntimo: "Eu morro, só fica o pensamento". Mas não sabia que pensamento. "O corpo voa", ela dizia, "O pensamento fica na cama". Então, sentia algo de doce dentro dela e os anjos acariciavam seus olhos e ela sabia que, de qualquer lugar e sempre, iria chegar aos lugares onde já estivera e de onde se estava distanciando.

Clara saiu para a noite escura, suspensa entre os bairros novos e as ruínas, e fez o que mulheres judias não fazem nunca. Parou ao lado de um pé de mamona e fez o sinal da cruz. E pela primeira vez em muitos anos pensou, como uma faca dentro dela, em seu filho, o monge. Sentiu-se como se tivesse dentro de si um enorme trem a trazer-lhe talvez a morte ou uma embriaguez doce. E disse: "Deus do meu filho, eu amo-o com toda a força do demônio que está em mim, eu quero vê-lo antes de morrer: . . . eu sei que o tiraram de mim e meu ventre está limpo dele, mas eu quero muito revê-lo uma vez antes que tudo termine e comece o que sempre esteve entre as palavras." Então ela viu que o pé de mamona olhava-a em sua vergonha. Bateu no arbusto e disse-lhe palavras amargas, mas o arbusto não se moveu.

No dia seguinte, Clara foi ver o sábio Yossef e contou-lhe o que fizera. Ele aconselhou-a a ir rezar de todo o coração no Muro das Lamentações. Ela viajou alguns dias depois que Angelina, que não vinha há muito tempo, trouxera a filha dela, dizendo-lhe: "Chamei-a Clara, seu nome, vovó." E Clara chorou ao beijar a menina, sabendo que o fim estava aproximando-se.

Ela temia que fosse rever o filho monge só no mundo vindouro, mas tinha medo que o mundo vindouro estivesse dividido em uma seção para cristãos e outra para judeus e que ela pudesse vê-lo apenas através de grades. O Abrão, ela já não via há alguns anos. Às vezes, ia até a rua amarga onde morava o filho, ficava em frente à casa dele, ao lado da floricultura, vendo Abrão na janela, doente. A luz estava acesa e o rosto do filho aparecia emoldurado pela janela. Via que ele estava mal e sem esperança, e queria correr para ele e abraçá-lo, mas a casa lhe era fechada, e Abrão tinha jurado na sinagoga que ela não era a sua mãe.

Ela viajou para o Muro das Lamentações e encontrou uma família grega que se lembrava da Clara da pequena casa à beira-mar. Eles ficaram aterrados quando souberam que o senhor Sasson havia morrido, como se a morte de alguém prenunciasse coisas muito explícitas. Clara rezou ao lado do Muro, mas não tinha a sensação de que as grandes pedras a ouviam. Procurou Deus entre elas e viu que Ele não estava lá. Havia turistas, crianças e mulheres que se lamentavam. Isso foi após a guerra, e todo o mundo vinha ao Muro. Ela já sabia, fazia muito tempo, que o Muro não era feito de ouro, mas não sabia que, em lugar de lágrimas, ia encontrar pedras tão pesadas.